

ANA CLÁUDIA SURIANI DA SILVA
& TÂNIA REGINA DE LUCA

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO
DIVERSAS LISBONENSES E OUTROS ESCRITOS



EDITORA FE UNICAMP

 CNPq

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO,
Conversas Lisbonenses &
Outros Escritos
(1884-1889)

- Volume 1 -

COLEÇÃO

As mulheres no jornal O Paiz

EDITORAS DO VOL. I

Ana Cláudia Suriani da Silva
Tania Regina de Luca

ORGANIZADORES DA COLEÇÃO

Alexandro Henrique Paixão
Ana Cláudia Suriani da Silva
Tania Regina de Luca

Editora FE - Unicamp
Campinas
2022

FICHA TÉCNICA

COPYRIGHT: Creative Commons CC-BY

TIRAGEM: e-Book

NORMALIZAÇÃO, PREPARAÇÃO E REVISÃO TEXTUAL

Ana Cecília Agua de Melo (ceci_agua@hotmail.com)

Ana Cláudia Suriani da Silva (a.surianidasilva@ucl.ac.uk)

Tania Regina de Luca (tania.luca@unesp.br)

PUBLICAÇÕES | Biblioteca | Faculdade de Educação – Unicamp

Supervisão: Roberta Pozzuto

Diagramação Final (miolo e capa): Raffaella Pellini

Capa: Foto do Arquivo Municipal de Lisboa

[Documento PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ACU/002066]

Apoio: CNPq, UCL, UFPR, Unesp e Unicamp

EDITORA FE – UNICAMP

Série Editorial: Pesquisas

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alexandre Henrique Paixão

Profa. Dra. Helena Sampaio

Profa. Dra. Maria Inês F. Petrucci-Rosa

Prof. Dr. Nelson Schapochnik

Roberta R. Fiolo Pozzuto

Prof. Dr. Roberto Nardi

Prof. Dr. Silvio D. O. Gallo

Simone Lucas G. Oliveira

Prof. Dr. Walter Omar Kohan

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por Simone L. G. de Oliveira – CRB-8ª/8144.

M335 Maria Amalia Vaz de Carvalho: conversas lisbonenses & outros escritos (1884-1889) [e-book] / [organizadores] Alexandre Henrique Paixão; Ana Cláudia Suriani da Silva; Tania Regina de Luca. — Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2022.
509 p. — (Coleção As mulheres no jornal O Paiz; 1).

Série editorial: Pesquisas.

ISBN: 978-65-00-56770-0

1. Carvalho, Maria Amalia Vaz de. 2. Literatura portuguesa. 3. Cartas portuguesas. 4. Escritoras portuguesas – Correspondências. I. Paixão, Alexandre Henrique (org.). II. Silva, Ana Cláudia Suriani da (org.). III. Luca, Tania Regina de (org.). IV. Título.

20ª CDD - 869

SUMÁRIO

AS MULHERES NO JORNAL O PAIZ	7
<i>(POR ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO, ANA CLÁUDIA SURIANI DA SILVA & TANIA REGINA DE LUCA)</i>	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — DE PORTUGAL PARA O BRASIL	9
<i>(POR ANA CLÁUDIA SURIANI DA SILVA & TANIA REGINA DE LUCA)</i>	
CRÔNICAS DE MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO	
1. CONVERSAS LISBONENSES.....	35
2. CONVERSAS LISBONENSES.....	42
3. CONVERSAS LISBONENSES.....	49
4. CARTAS A LUIZA I.....	56
5. O ROMANCE DA VISCONDESSA.....	63
6. O ROMANCE DA VISCONDESSA II.....	69
7. O ROMANCE DA VISCONDESSA III.....	75
8. CARTAS A LUIZA II.....	81
9. CONVERSAS LISBONENSES — AS “MINIATURAS” DE GONÇALVES CRESPO.....	87
10. CONVERSAS LISBONENSES — “MINIATURAS” II.....	92
11. CARTAS A LUIZA III — IDA PARA O COLÉGIO.....	96
12. CONVERSACÕES LISBONENSES — <i>O MISTÉIRO DA ESTRADA DE SINTRA</i>	101
13. CARTAS A LUIZA IV.....	107
14. CONVERSACÕES LISBONENSES.....	112
15. CONVERSACÕES LISBONENSES.....	116
16. CONVERSACÕES LISBONENSES.....	121
17. CONVERSACÕES LISBONENSES.....	126
18. CONVERSACÕES LISBONENSES — AS CRISES DO CASAMENTO.....	132
19. CONVERSACÕES LISBONENSES.....	137
20. CONVERSACÕES LISBONENSES.....	142
21. CONVERSACÕES LISBONENSES.....	146
22. CONVERSACÕES LISBONENSES — A IMAGINAÇÃO.....	152
23. CONVERSACÕES LISBONENSES — ESCOLAS MÓVEIS PELO MÉTODO DE JOÃO DE DEUS.....	157
24. VICTOR HUGO I — O HOMEM.....	162
25. CONVERSACÕES LISBONENSES.....	167
26. CONVERSACÕES LISBONENSES.....	172
27. CONVERSACÕES LISBONENSES.....	178
28. CONVERSACÕES LISBONENSES.....	183
29. CONVERSACÕES LISBONENSES.....	188

30. CARTAS DO CAMPO I	194
31. CARTAS DO CAMPO II	199
32. CARTAS DO CAMPO III	205
33. CARTAS DO CAMPO IV	211
34. CARTAS DO CAMPO V	216
35. CARTAS DO CAMPO VI	221
36. CARTAS DO CAMPO — <i>A HISTÓRIA DA REPÚBLICA ROMANA</i>	227
37. CARTAS DO CAMPO — <i>HISTÓRIA DA REPÚBLICA ROMANA II</i>	232
38. CARTAS DO CAMPO V	237
39. CONVERSAÇÕES LISBONENSES	241
40. CONVERSAÇÕES LISBONENSES — O POETA ALEMÃO H. HEINE	245
41. CONVERSAÇÕES LISBONENSES — A MORTE DOS DOIS REIS	250
42. CONVERSAÇÕES LISBONENSES	255
43. CONVERSAÇÕES LISBONENSES	259
44. CONVERSAÇÕES LISBONENSES	263
45. CONVERSAÇÕES LISBONENSES — O ÚLTIMO ROMANCE DE FEUILLET	268
46. CONVERSAÇÕES LISBONENSES — O ÚLTIMO ROMANCE DE FEUILLET II	273
47. CONVERSAÇÕES LISBONENSES — O ÚLTIMO ROMANCE DE FEUILLET III	277
48. CONVERSAÇÕES LISBONENSES — A PROPÓSITO DE SCHOPENHAUER	282
49. CONVERSAÇÕES LISBONENSES — A PROPÓSITO DE SCHOPENHAUER II	287
50. CARTAS FEMININAS — O CONDE DE S. SALVADOR DE MATOSINHOS	292
51. CARTAS FEMININAS — UMA QUESTÃO DELICADA	296
52. CARTAS FEMININAS	300
53. CARTAS FEMININAS	304
54. CARTAS FEMININAS	308
55. CARTAS FEMININAS	312
56. CARTAS FEMININAS	316
57. CARTAS FEMININAS	320
58. CARTAS FEMININAS	324
59. CARTAS FEMININAS	328
60. CARTAS FEMININAS	332
61. CARTAS FEMININAS	336
62. CARTAS FEMININAS	340
63. CARTAS FEMININAS	344
64. CARTAS FEMININAS	348
65. CARTAS FEMININAS	352
66. CARTAS FEMININAS	356
67. CARTAS FEMININAS	360

68. CARTAS FEMININAS.....	365
69. CARTAS FEMININAS.....	369
70. CARTAS FEMININAS.....	374
71. CARTAS FEMININAS.....	378
72. CARTAS FEMININAS.....	382
73. CARTAS FEMININAS — O IMPERADOR FREDERICO.....	386
74. CARTAS FEMININAS — ALEXANDRE HERCULANO.....	390
75. CARTAS FEMININAS — LICEUS PARA RAPARIGAS.....	394
76. CARTAS FEMININAS — LICEUS PARA RAPARIGAS II.....	398
77. CARTAS FEMININAS — L'IMMORTEL DE ALPHONSE DAUDET.....	403
78. CARTAS FEMININAS — L'IMMORTEL DE ALPHONSE DAUDET II.....	407
79. CARTAS FEMININAS — A VIDA E A CORRESPONDÊNCIA DE UM SÁBIO.....	412
80. CARTAS FEMININAS — A VIDA E A CORRESPONDÊNCIA DE UM SÁBIO II.....	417
81. CARTAS FEMININAS.....	423
82. CARTAS FEMININAS — LEITURA PARA OS MOÇOS.....	425
83. CARTAS FEMININAS.....	429
84. CARTAS FEMININAS — O BRASIL E A EUROPA.....	433
85. CARTAS FEMININAS — O NOSSO GRUPO DE LEÃO E A SUA EXPOSIÇÃO DE PINTURA.....	437
86. CARTAS FEMININAS — O BUSTO DE SANTA TEREZA PELA DUQUESA DE PALMELA.....	441
87. CARTAS FEMININAS — A CEGUEIRA DE CAMILO CASTELO BRANCO.....	445
88. CARTAS FEMININAS — O ROMANCE DE UM RAPAZ POBRE.....	448
89. CARTAS FEMININAS — OS ROMANCISTAS DA RÚSSIA.....	452
90. CARTAS FEMININAS — O LIVRO DE SOLEDADES, ECOS DA ANDALUZIA I.....	456
91. CARTAS FEMININAS — O LIVRO DE SOLEDADES, ECOS DA ANDALUZIA II.....	459
92. CARTAS FEMININAS — A REVISTA DE PORTUGAL.....	464
93. CARTAS FEMININAS — A PROPÓSITO DA FRANÇA E DA SUA EXPOSIÇÃO.....	468
94. CARTAS FEMININAS — A SERRA DE SINTRA.....	472
95. CARTAS FEMININAS — OS VELHOS.....	476
96. COROAÇÃO DE ZORRILLA.....	479
97. ÍNTIMAS.....	482
98. ANTÓNIO PEDRO.....	487
ÍNDICES.....	
<i>DE INDIVÍDUOS.....</i>	491
<i>DE LUGARES.....</i>	501
<i>DE OBRAS.....</i>	504
<i>DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS.....</i>	507
BIOGRAFIA DAS EDITORAS.....	508

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO: *de Portugal para o Brasil*

Ana Cláudia Suriani da Silva, UCL
Tania Regina de Luca, Unesp/CNPq

A “escritora-senhora”

Maria Amália Vaz de Carvalho nasceu numa família aristocrática portuguesa. Foi educada em casa pela mãe e incentivada a escrever pelo pai, o deputado José Vaz de Carvalho, que recebia na quinta da família, em Pintéus, políticos e escritores. Os dotes literários da jovem logo evidenciaram-se, tanto que, em 1867, publicou seu primeiro livro, *Uma primavera de mulher*, poema em quatro cantos prefaciados pelo político e literato Tomas Ribeiro.

O casamento em 1874 com o poeta brasileiro radicado em Portugal, Gonçalves Crespo, não interrompeu sua atividade intelectual, pelo contrário, às poesias de *Vozes no ermo* (1876) seguiram-se *Serões do campo* (1877), reunião de contos e ensaios, *Arabescos, notas e perfis* (1880), estudos de caráter biográfico e, ainda em 1880, *Contos e fantasias, narrativas ficcionais*, e *Mulheres e crianças, notas sobre a educação*, com temática relativa à família. A colaboração em periódicos amiodou-se, inicialmente sob o pseudônimo de Valentina de Lucena. Ao que consta, a entrada para o jornalismo ocorreu pelas mãos do tio, Luís de Almeida e Albuquerque, redator e depois, por alguns anos, proprietário do *Jornal do Commercio* (Lisboa, 1853).

Já a colaboração na imprensa brasileira iniciou-se em fevereiro de 1878, no homônimo *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro, 1827), então um dos mais importantes do Império (CARVALHO, 23 de fev. de 1878). Maria Amália manteve longo vínculo com o matutino, fosse de forma mais direta, ainda que nunca com regularidade, entre 1878 e 1881 e, posteriormente, de 1892 a 1897, ao que se devem acrescer colaborações esparsas pelo menos até 1915.¹

Em 1883, quando esperava o seu terceiro filho, Gonçalves Crespo faleceu. A essa perda sobreveio a do menino recém-nascido. Viúva e com duas crianças, o trabalho intelectual tornou-se essencial para a manutenção da família. Suas colaborações preenchiam as páginas dos magazines ilustrados e de variedades, que procuravam alcançar público amplo e diversificado, e das folhas diárias, que também se preocupavam em reservar espaço para os temas femininos. Polígrafa versátil, Dona Maria Amália, como era chamada pelos intelectuais e escritores que frequentavam

¹ A respeito da colaboração da autora com o *Jornal do Commercio* e, mais especificamente sua produção ficcional aí publicada entre 1878 e 1880, consultar REIS, 2012. Na primeira crônica de *O Paiz*, Maria Amália faz referência a essa colaboração.

o seu afamado salão da Travessa de Santa Catarina, respondia por traduções, escrevia poemas, contos, ensaios, biografias, crítica literária, além de aconselhar fosse sobre o casamento, a educação de meninos e meninas, a situação e a condição feminina, temáticas perscrutadas sob os mais diversos ângulos, num momento em que os nascentes movimentos em prol da conquista de direitos de cidadania colocavam a questão na ordem do dia.

Seu prestígio e a rede de sociabilidade na qual se inseria evidenciam-se no índice do livro *Um feixe de penas* (1885), que organizou em prol de asilo para raparigas abandonadas. A fina flor da intelectualidade portuguesa se fez presente em mais de quatro dezenas de textos, dos quais apenas dois foram assinados por mulheres, um de Maria Amália e outro de Amélia Janny. A empreitada evidenciou o respeito granjeado num campo intelectual avesso à presença feminina, o que, na chave proposta por Pierre Bourdieu, convida a refletir acerca das circunstâncias e estratégias que permitiram-lhe ocupar o espaço público e se impor como mulher de letras (BOURDIER, 1996).²

Está bem assente o papel fundamental desempenhado pela imprensa periódica no processo de profissionalização da atividade intelectual, então em curso. Os escritores (e as poucas escritoras) garantiam pelo menos parte de sua existência graças às colaborações para jornais e revistas, ao que se somava a fama adquirida junto aos leitores.³ As empresas, por seu turno, eram recompensadas com o prestígio de exibir cronistas célebres, ao mesmo tempo em que fidelizavam os assinantes, interessados em acompanhar as rubricas. Tratava-se, portanto, de via de mão dupla, na qual os ganhos eram compartilhados num circuito de enobrecimento constantemente retroalimentado.

Nesse mundo, domínio quase exclusivamente masculino, Maria Amália foi uma das poucas mulheres que conseguiu tornar-se profissional das letras no contexto português e brasileiro, reconhecida como autoridade quando o tema era universo feminino, convivência social, educação, comportamento, princípios morais e religiosos. Note-se que as virtudes que pregava tornaram-se atributos de sua própria trajetória, elevada à exemplaridade. A origem aristocrática, a cultura enciclopédica, a esposa e mãe devotadas eram aspectos destacados pelos contemporâneos, como atestam, por exemplo, os prefácios de suas obras. Nas palavras de Ramalho Ortigão, em carta que acompanha *Crônicas de Valentina* (1890), a autora foi caracterizada como filha heroica, esposa exemplar e mãe sublime, que “escreve para a imprensa com a mesma humildade com que outras mulheres fazem meias ou fiam na roca para ganhar honradamente e obscuramente a sua vida” (ORTIGÃO, 1890, p. XVI).

² Para as origens da noção de letrado, consultar CHARTIER, 1997.

³ A respeito ver THÉRENTY, 2007.

Não foi diversa a ênfase de Augusto de Castro no discurso que proferiu na Academia de Ciências de Lisboa quando do cinquentenário da publicação do primeiro livro de Maria Amália, datado de 1867. Após exaltar sua vasta e diversificada produção, também insistiu na tecla da humildade – “nunca precisou de sair da penumbra discreta e florida do seu salão” – ou seja, reafirmava-se, pela via do elogio, o papel subalterno e discreto da homenageada, que sabia portar-se com a discrição apropriada à sua condição. Castro louvou a figura senhoril, o meio aristocrático de que provinha, as predileções morais, a sensibilidade e a educação para concluir que “a alta e nobre senhora nunca deixou, por esse fato, de ser em tudo o que constitui a emotividade, a doçura, a simplicidade, o protótipo perfeito da mulher portuguesa” (CASTRO, 1923, p. 10).⁴ O escritor e diplomata esboçou curiosa tipologia que distinguia entre escritoras-homens, que assumiam postura masculinizada; escritoras-mulheres, que abandonavam os recatos e pudores típicos do seu sexo, e, por fim, as escritoras-senhoras, à qual pertencia D. Maria Amália. A respeitabilidade conquistada parecia provir mais da reputação ilibada, recato e devotado desempenho de funções inerentes à condição de mulher do que de dotes intelectuais, configurando critérios bastante diversos dos requeridos e aplicados para os escritores.

Entre 1884 e 1889, quando voltou a colaborar regularmente com um jornal do Rio de Janeiro, Maria Amália já se constituía em nome consagrado no campo literário, quiçá justamente por conseguir equilibrar atuação no espaço público como escritora, o que, em princípio, era interdito ao seu gênero, respeito às convenções sociais na vida pessoal e, não menos importante, escolha de temáticas e abordagens que, sem deixar de tensionar a ordem estabelecida, o fazia dentro de limites aceitáveis, circunstâncias que acabaram por lhe conferir prestígio e livre acesso à grande imprensa dos dois lados do Atlântico.

Maria Amália e O Paiz

A escritora portuguesa compareceu nos primeiros números de *O Paiz*, matutino fundado pelo brasileiro João José dos Reis Júnior (1846-1922), um negociante bem-sucedido que ostentava os títulos de segundo visconde e conde de São Salvador de Matozinhos, concedidos ao seu pai pela monarquia portuguesa. Há significativa confusão entre esses dois personagens e não é raro que se atribua ao português João José dos Reis (1820-1888) a fundação do periódico.

⁴ O discurso foi incluído na quarta edição de *Cartas a uma noiva* cuja primeira edição é de 1891. Maria Amália foi a primeira mulher a tornar-se membro da Academia de Ciências de Lisboa.

A edição inaugural circulou em primeiro de outubro de 1884, numa conjuntura marcada por intensa agitação política, com a multiplicação de atritos entre o exército e a monarquia e o crescimento de um amplo movimento social antiescravista, que propunha ações efetivas por meio do incentivo à fuga e à desobediência à ordem estabelecida. Poucos meses antes do lançamento do jornal, em 25 de março de 1884, o Ceará tomou a dianteira e decretou a abolição do regime. O novo periódico, com quatro páginas, como era a praxe na época, tinha sua redação instalada na rua do Ouvidor n. 63, então a mais famosa da capital do Império, que também abrigava os seus principais concorrentes: o *Jornal do Commercio*, em circulação desde 1827, a *Gazeta de Notícias* (RJ, 1875), fundada em 1875, e o *Diário de Notícias*, lançado em junho de 1885, meses depois de *O Paiz*. Vê-se, portanto, que a folha tinha que se ombrear com diversas outras, o que instou seus responsáveis a colocar em prática estratégias capazes de particularizá-la e atrair a atenção do público leitor.

De início, a direção esteve sob a responsabilidade de Rui Barbosa, que permaneceu no cargo por breve período, tendo sido logo substituído por Quintino Bocaiúva, a quem coube, por anos a fio, responder pelos rumos do jornal. Abolicionista desde o lançamento, mostrou-se cauteloso nas críticas ao regime monárquico, a despeito de ter à frente Bocaiúva, republicano dos mais destacados. *O Paiz* insistia em declarar-se neutro e independente em relação a partidos, o que não o impedia de tratar de assuntos políticos, predominantes em suas páginas. Análise atenta do conteúdo permitiu relativizar a suposta imparcialidade, mais declarada que efetiva.⁵ O constante aumento da tiragem, de início na casa dos 11 mil exemplares, chegou a 30.600 em 1889, o que levou o periódico a adotar o seguinte slogan, impresso no seu cabeçalho entre 1888 e 1895: “*O Paiz é a folha de maior circulação na América do Sul*”.

A despeito de seus editores privilegiarem a política local, eles não descuidavam das notícias internacionais, afinal, o país estava conectado à Europa, via cabo submarino, desde 1874, o que assegurava fluxo regular de informações, proveniente de agências de notícias, circunstância que selou o compromisso dos diários com as últimas novidades e justificava a manutenção de correspondentes nas principais capitais europeias e em diferentes regiões do país.

Outro aspecto importante para o sucesso das folhas dizia respeito às colunas, assinadas por escritores consagrados, cuidadosamente selecionados. Dentre os nomes frequentes nos jornais do Rio de Janeiro estavam, ao lado dos escritores brasileiros, diversos autores portugueses, que comentavam o cenário político e cultural europeu. A *Gazeta de Notícias*, um dos matutinos mais

⁵ Sobre a posição do jornal em seus primeiros anos de existência, consultar PESSANHA, 2006.

importantes do país nas décadas de 1880 e 1890, teve entre seus colaboradores Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Guilherme de Azevedo, Jaime Batalha Reis e Mariano Pina.⁶ Não admira que, em seu terceiro número, *O Paiz* se dirigisse aos leitores nos seguintes termos:

Inserimos hoje em nossas colunas o primeiro artigo da série, que nos prometeu o ilustre escritor português, conselheiro Manoel Pinheiro Chagas, nosso auxiliar em Lisboa. Os nossos leitores darão o devido valor ao escrito do notável estilista, que tão grande nome conquistou nas letras. Temos também o concurso valioso da Exma. Sra. D. Maria Amália Vaz de Carvalho e dos Srs. Antônio Ennes, Gervásio Lobato e Cristóvão Aires, penas amestradas e que serão assíduos em remeter-nos os seus trabalhos. A correspondência particular para *O Paiz* é, de Portugal, escrita pelo distinto jornalista Jaime Vitor. Convidando para honrar estas colunas a tantos e tão estimados escritores, acreditamos que fica patente o nosso esforço para bem servir ao público (*O Paiz*, 03 de out. de 1884).⁷

A nota indica que o lançamento do jornal fora cuidadosamente preparado, tanto que os colaboradores estrangeiros já estavam assegurados: Pinheiro Chagas estreou em três de outubro e Maria Amália pouco depois, no dia seis. Sua produção compartilhava espaço com outras mulheres, como Júlia Lopes de Almeida (pseudônimo Ecila Worms), Maria Benedita Câmara Bormann (pseudônimo Délia), Emília Moncorvo Bandeira de Melo (pseudônimos Carmen Dolores e Júlio de Castro), e políticos brasileiros de grande prestígio, a exemplo de Quintino Bocaiúva e Joaquim Nabuco, que, como explica José Murilo de Carvalho, “tinham nela [a imprensa] a sua mais importante tribuna”, pois o parlamento brasileiro só funcionava regularmente de maio a agosto. “Nos oito meses restantes, a comunicação com os eleitores e com o público em geral se dava pelos jornais” (CARVALHO, 2013, 13). De Portugal escreviam Pinheiro Chaves e Maria Amália e da Inglaterra Joaquim Nabuco, que atuavam como correspondentes da folha, colaborações por meio das quais o leitor brasileiro se mantinha informado sobre os últimos acontecimentos do mundo e mesmo passava a conhecer regiões remotas do planeta e detalhes da atualidade e da história europeia, tudo isso numa velocidade e intensidade somente possíveis graças às comunicações, via cabo submarino, com o velho continente.

Enquanto Joaquim Nabuco trazia para o jornal os debates políticos do momento, a colaboração de Maria Amália e das outras escritoras pode ser entendida como chamariz para o público feminino. A correspondente portuguesa contava com coluna que lhe era inteiramente

⁶ Para detalhes sobre a presença de autores portugueses na *Gazeta de Notícias*, consultar MINÉ, 2005.

⁷ A prática de contar com colaboradores estrangeiros seguiu inalterada depois de 1891, momento em que o jornal mudou de mãos e transformou-se numa sociedade anônima.

dedicada, sob responsabilidade de nome conhecido do público local, uma vez que Maria Amália, cujos ideais estavam em sintonia com os abraçados pela elite dominante, já ocupara, entre 1878 e 1881, as páginas do *Jornal do Commercio*, o mais antigo em circulação na capital do Império e um dos mais importantes do país. É preciso levar em conta a importância do intercâmbio entre Portugal e o Brasil, sobretudo em vista do peso do mercado brasileiro para o mundo editorial português, aspecto que a própria Maria Amália fez questão de frisar:

Em curtos anos de vida *O Paiz* atingiu um grau de vulgarização e de prosperidade, tão alto e tão excepcional, que escrever aqui é ter a certeza de ser lido por milhares de pessoas. Ora, não pode haver maior felicidade para o escritor cômico da sua delicada missão, para o escritor que não faz arte pela arte, mas tem a justa ambição de semear na terra algum bem, do que a ideia reconfortante e fecunda de que é apreciado, criticado, compreendido por um grande número de entendimentos, mais ou menos simpáticos, mais ou menos abertos a todas as curiosidades e a todas as impressões (...). Para os portugueses, que são fatalmente condenados a um público limitadíssimo, escrever para o Brasil é a grande ambição e o grande privilégio. Ao menos assim sabemos que somos ouvidos (CARVALHO, 11 de abr. de 1887).

Se é fato que, nos dois países, a taxa de analfabetismo atingia patamares semelhantes, a superioridade numérica da população brasileira justificava o interesse em ter as obras distribuídas deste lado do Atlântico. A presença regular em jornais do então Império trazia vantagens imediatas, em termos financeiros e de divulgação do nome, além de outras de médio prazo, tendo em vista a conquista de leitores para os livros já lançados ou para os que ainda viriam a público. Na primeira colaboração, Maria Amália, que já não era desconhecida do público brasileiro, fez questão de detalhar as razões de sua presença nas páginas do novo periódico:

O fundador do *Paiz* (...) teve uma ideia generosa e rara, pela qual as minhas queridas leitoras – levando-lhe em conta pelo menos a intenção – não podem deixar de ser-lhe gratas. Pensou ele que as mulheres, às quais, por enquanto, tantas questões de alta importância se conservam estranhas, e que pouco ou nada se ocupam de política ou de comércio, de indústria ou de finanças, de diplomacia ou de ciência, gostariam de achar nas colunas deste novo jornal brasileiro um cantinho que fosse só delas, que lhes fosse exclusivamente destinado, e onde elas encontrassem, discutidas, analisadas, ou mesmo simplesmente notadas de passagem, as coisas que mais particularmente lhes atraíssem a atenção. Para conversar com senhoras, pensou ele e com razão que o mais acertado seria procurar uma pessoa do mesmo sexo (CARVALHO, 06 de out. de 1884).

A cronista manteve-se fiel à missão que lhe foi designada, tanto que fazia questão de entabular diálogo com as destinatárias, frequentemente evocadas como “querida(s) leitora(s)”. Dirigia perguntas ao seu público – “não sei se alguma vez já lhes falei...”, “sabes quem é ...”;

antecipava reações: “A leitora neste ponto para, um pouco surpresa e um pouco triste, não é verdade? E pergunta-me espantada: Pois quê?! Tem esta opinião...”; ou reafirmava os objetivos das longas palestras, “quase que exclusivamente consagradas aos interesses morais, sentimentais, intelectuais do sexo a que ambas pertencemos”. Evidencia-se, pois, a estratégia de adotar tom coloquial, de quem aconselha e ensina, num esforço para estabelecer laços de confiança, afetividade e proximidade, objetivos explicitados já na crônica inaugural:

É este o cantinho da sala, ou antes, é este o *boudoir* discreto, perfumado, cheio de plantas verdes, em que fazendo rancho à parte, nós conversamos à meia voz a respeito de arte, de literatura, de moral, de costumes sociais, a respeito da educação dos nossos filhos, ou do governo das nossas casas, a respeito de mil assuntos enfim, sérios e frívolos, graves ou amenos, que nos são gratos, e que de boa-fé tentaremos que nos sejam úteis (CARVALHO, 06 de out. 1884).

Na diagramação de *O Paiz*, os textos dos cronistas eram antecidos pelo termo colaboração, em negrito e letras maiúsculas, seguidos pelo nome da coluna, prática igualmente válida para Maria Amália. As séries que ela assinou poderiam trazer apenas o título, por vezes seguido de subtítulo específico ou de resumo dos assuntos tratados, cabendo destacar que as mesmas não eram impressas no *bas de page*, ou seja, no espaço destinado ao folhetim, antes figuravam na primeira ou segunda páginas, ladeadas por conteúdos diversificados. Suas colaborações não tinham periodicidade constante: por vezes compareciam com pequeno intervalo, outras espaçadas por larga temporalidade. Ausências mais prolongadas eram justificadas quando da retomada da seção, o que ocorreu, por exemplo, em 09 de dezembro de 1885: “Há quanto tempo que eu não te apareço, minha querida leitora. A doença, a pertinaz doença antipática, paralisadora de todas as faculdades afetivas e mentais, tem-me trazido, bem contra a minha vontade, afastada de ti!” (CARVALHO, 09 de dez. de 1885). A colaboração anterior datou de 23 de outubro de 1885. O afastamento mais pronunciado foi registrado entre 13 de junho de 1886 e 11 de abril de 1887, momento em que a cronista, sem maiores explicações, limitou-se a declarar sua satisfação em retomar suas atividades. Dividindo-se o montante de contribuições num dado ano pelo número de meses nos quais as mesmas figuraram, obtém-se média sempre inferior a quatro (ver Tabela n. 1).

No que respeita à denominação, apenas a partir de 1887 houve referência explícita ao público feminino (“Cartas femininas”), o que não era o caso da até então predominante “Conversas Lisbonenses”, logo rebatizada de “Conversações Lisbonenses”, que enfatizava o espaço geográfico. “Cartas a Luiza” e “O romance da viscondessa” receberam títulos diferentes por comporem

conjuntos com relativa autonomia em face das demais colaborações. O segundo aproxima-se da consagrada fórmula do folhetim e tem carácter ficcional. Foram divididos em quatro e três fascículos, respectivamente, e tinham em vista, muito provavelmente, a republicação em volumes, como atesta a edição em livro de *Cartas a Luiza* (1886).

O título da coluna de Maria Amália também se ajustou aos seus deslocamentos entre a cidade e o campo, passando a se chamar “Cartas do campo” no período em que a escritora se afastou de Lisboa:

Querida leitora — Continuar a chamar Conversações Lisbonenses às cartas que eu te escrevo, preguiçosamente deitada à sombra de uma grande árvore, vendo ao perto espreguiçarem-se pelo areal reluzente as águas límpidas e sinuosas do Mondego, parece-me realmente é faltar à verdade, um pouco mais do que o permitem as liberdades da prosa! Consente-me, pois que eu, até ao inverno, batize o nosso desprezioso cavaco com o título de Cartas do campo (CARVALHO, 21 de ago. de 1885).

A publicação das “Cartas femininas” encerrou-se em 14 de junho de 1889, sem despedida formal da autora.⁸ As três colaborações subsequentes, duas em agosto e uma em setembro, já não integravam a série, constituindo-se em contributos isolados, como atestam os seus títulos.

Levantamento e apresentação dos textos

A recolha das crônicas foi realizada a partir da Hemeroteca Digital Brasileira, cabendo esclarecer que a instituição não permite acesso ao suporte papel de material disponibilizado em seu sítio. Além disso, boa parte do levantamento e transcrição dos textos foi realizado durante a pandemia do Covid-19, o que impossibilitou a consulta física de outras coleções do jornal. O recurso à pesquisa por palavras chave mostrou-se pouco eficaz, tendo em vista os poucos resultados alcançados por essa via, seja em função das limitações inerentes ao programa que converte imagem em texto, da qualidade da impressão original, das marcas da passagem do tempo, que resultaram em páginas mutiladas ou ilegíveis, e mesmo da qualidade da digitalização realizada. Assim, para inventariar as publicações de Maria Amália, foi necessário percorrer todos os exemplares, página por página, ao que se soma o trabalho de transcrição, correção de gralhas tipográficas e atualização

⁸ Anos depois, a autora adotou atitude diversa. Em 1897, quando novamente colaborava com o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, ela fez questão de atribuir o afastamento a causas estranhas à sua vontade, sem entrar em maiores detalhes. Agradeceu os leitores e confessou: “Tenho saudades destas cartas que me vão faltar, tenho saudades deste trabalho a que me afeiçoei e ao qual dei tão longamente o melhor da minha vida intelectual” (CARVALHO, 06 de ago. de 1897).

da ortografia, tarefas que demandaram significativo esforço. Em várias ocasiões foi necessário recorrer às republicações dos textos em volumes, adquiridos em sebos ou disponíveis em formato eletrônico, para corrigir e esclarecer palavras e trechos ilegíveis, como foi o caso das crônicas sobre George Sand e Charles Darwin, republicadas em *Alguns homens do meu tempo* (1889) e *Crônicas de Valentina* (1890), respectivamente.

A Tabela n. 1 apresenta o material localizado. Alerta-se que, a despeito da intenção de exaustividade, não se pode descartar a hipótese de existirem outras ocorrências, seja por terem passado despercebidas ou em função das condições da coleção no suporte papel ou na sua representação digital. A representação digital é, de fato, muito útil, não só porque permite acesso remoto a impressos e manuscritos raros, mas também porque colabora para a sua conservação, uma vez que os preserva do manuseio frequente e garante, pelo menos, a sobrevivência da sua representação digital no caso de eventuais problemas de conservação derivados de incêndios de acervos patrimoniais que, infelizmente, vêm se tornando cada vez mais frequentes no Brasil. Entretanto, é preciso estar consciente acerca da diferença e da relação entre o documento físico e sua representação. A reprodução digital simplifica o documento: não captura todos os ângulos do impresso, o que inevitavelmente implica em perda de alguma informação (SILVA, 2019a).

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

TABELA 1 Títulos das crônicas, localização no jornal, total e média mensal.

NÚMERO	TÍTULO	DATA	EDIÇÃO DO JORNAL	PÁGINA DE REFERÊNCIA	DIA DA SEMANA	TOTAL	MÉDIA POR MÊS
1884, ano 1						10	3,3
1	Conversas lisbonenses	6/10/1884	6	1	segunda-feira		
2	Conversas lisbonenses	15/10/1884	15	01, 02	quarta-feira		
3	Conversas lisbonenses	22/10/1884	22	2	quarta-feira		
4	Cartas a Luiza I	30/10/1884	30	2	quinta-feira		
5	O romance da viscondessa	24/11/1884	55	2	segunda-feira		
6	O romance da viscondessa	27/11/1884	58	2	quinta-feira		
7	O romance da viscondessa	3/12/1884	64	2	quarta-feira		
8	Cartas a Luiza II	22/12/1884	83	2	segunda-feira		
9	Conversas lisbonenses	30/12/1884	91	2	terça-feira		
10	Conversas lisbonenses	31/12/1884	92	2	quarta-feira		

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

1885, ano 2						29	2,4
11	Cartas a Luiza III	13/01/1885	12	2, 3	terça-feira		
12	Conversações Lisbonenses	03/02/1885	33	2	terça-feira		
13	Cartas a Luiza IV	11/02/1885	41	2	quarta-feira		
14	Conversações Lisbonenses	17/02/1885	47	2	terça-feira		
15	Conversações Lisbonenses	28/02/1885	58	2	sábado		
16	Conversações Lisbonenses	26/03/1885	84	2, 3	quinta-feira		
17	Conversações Lisbonenses	01/04/1885	90	2	quarta-feira		
18	Conversações Lisbonenses	04/04/1885	93	2	sábado		
19	Conversações Lisbonenses	22/04/1885	110	2	quarta-feira		
20	Conversações Lisbonenses	28/04/1885	116	2	terça-feira		
21	Conversações Lisbonenses	08/05/1885	126	2	sexta-feira		
22	Conversações Lisbonenses	15/05/1885	133	2	sexta-feira		
23	Conversações Lisbonenses	01/06/1885	150	2	segunda-feira		
24	Victor Hugo I	26/06/1885	175	2	sexta-feira		
25	Conversações Lisbonenses	12/07/1885	191	2	domingo		
26	Conversações Lisbonenses	13/07/1885	192	2	segunda-feira		
27	Conversações Lisbonenses	19/07/1885	198	3	domingo		
28	Conversações Lisbonenses	02/08/1885	212	2	domingo		
29	Conversações Lisbonenses	07/08/1885	217	2	sexta-feira		
30	Cartas do campo I	21/08/1885	231	2	sexta-feira		
31	Cartas do campo II	06/09/1885	247	3	domingo		
32	Cartas do campo III	07/09/1885	248	2	segunda-feira		
33	Cartas do campo IV	09/09/1885	250	2	quarta-feira		
34	Cartas do campo V	21/09/1885	262	2, 3	segunda-feira		
35	Cartas do campo VI	24/09/1885	265	2, 3	quinta-feira		
36	Cartas do campo	18/10/1885	289	3	domingo		
37	Cartas do campo	21/10/1885	292	3	quarta-feira		

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

38	Cartas do campo	23/10/1885	294	2	sexta-feira		
39	Conversações Lisbonenses	09/12/1885	341	2	quarta-feira		
1886, ano 3						10	1,6
40	Conversações lisbonenses	04/01/1886	4	2	segunda-feira		
41	Conversações lisbonenses	21/01/1886	20	3	quinta-feira		
42	Conversações lisbonenses	27/01/1886	26	3	quarta-feira		
43	Conversações lisbonenses	23/02/1886	53	2, 3	terça-feira		
44	Conversações lisbonenses	11/03/1886	69	3	quinta-feira		
45	Conversações lisbonenses	31/03/1886	89	2	quarta-feira		
46	Conversações lisbonenses II	16/04/1886	105	2	sexta-feira		
47	Conversações lisbonenses	23/04/1886	112	2	sexta-feira		
48	Conversações lisbonenses	26/05/1886	144	2, 3	quarta-feira		
49	Conversações lisbonenses	13/06/1886	162	3	domingo		
1887, ano 4						16	1,7
50	Cartas femininas	11/04/1887	918	2	segunda-feira		
51	Cartas femininas	21/04/1887	928	2	quinta-feira		
52	Cartas femininas	18/05/1887	955	2, 3	quarta-feira		
53	Cartas femininas	05/07/1887	1003	2	terça-feira		
54	Cartas femininas	26/07/1887	1024	2, 3	terça-feira		
55	Cartas femininas	16/08/1887	1045	2	terça-feira		
56	Cartas femininas	24/08/1887	1053	2	quarta-feira		
57	Cartas femininas	19/09/1887	1079	2, 3	segunda-feira		
58	Cartas femininas	23/09/1887	1083	2	sexta-feira		
59	Cartas femininas	07/10/1887	1097	2	sexta-feira		
60	Cartas femininas	17/10/1887	1107	2, 3	segunda-feira		
61	Cartas femininas	03/11/1887	1124	2, 3	quinta-feira		
62	Cartas femininas	07/11/1887	1128	3	segunda-feira		

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

63	Cartas femininas	02/12/1887	1153	2, 3	sexta-feira		
64	Cartas femininas	13/12/1887	1164	3	terça-feira		
65	Cartas femininas	28/12/1887	1178	2	quarta-feira		
1888, ano 5						18	1,5
66	Cartas femininas	10/01/1888	1191	3	terça-feira		
67	Cartas femininas	15/02/1888	1227	3	quarta-feira		
68	Cartas femininas	05/03/1888	1246	2, 3	segunda-feira		
69	Cartas femininas	21/03/1888	1262	2, 3	quarta-feira		
70	Cartas femininas	14/05/1888	1316	2, 3	segunda-feira		
71	Cartas femininas	27/05/1888	Suplemento ao 1328	1	domingo		
72	Cartas femininas	03/06/1888	Suplemento ao 1335	1	domingo		
73	Cartas femininas	23/07/1888	1385	2	segunda-feira		
74	Cartas femininas	31/07/1888	1393	2	terça-feira		
75	Cartas femininas	11/09/1888	1435	3	terça-feira		
76	Cartas femininas	13/09/1888	1437	2, 3	quarta-feira		
77	Cartas femininas	01/10/1888	1455	3	segunda-feira		
78	Cartas femininas	08/10/1888	1462	3	segunda-feira		
79	Cartas femininas	02/11/1888	1487	2	sexta-feira		
80	Cartas femininas	22/11/1888	1507	2, 3	quinta-feira		
81	Cartas femininas	04/12/1888	1519	3	terça-feira		
82	Cartas femininas	12/12/1888	1527	3	quarta-feira		
83	Cartas femininas	30/12/1888	1545	2	domingo		
1889, ano 6						15	1,25
84	Cartas femininas	16/01/1889	1562	2	quarta-feira		

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

85	Cartas femininas	05/02/1889	1582	2	terça-feira
86	Cartas femininas	26/02/1889	1603	2	terça-feira
87	Cartas femininas	14/03/1889	1619	3	quinta-feira
88	Cartas femininas	20/03/1889	1625	2	quarta-feira
89	Cartas femininas	14/04/1889	1650	2, 3	domingo
90	Cartas femininas	18/04/1889	1654	3	quinta-feira
91	Cartas femininas	08/05/1889	1674	2	quarta-feira
92	Cartas femininas	22/05/1889	1688	3	quarta-feira
93	Cartas femininas	14/06/1889	1711	3	sexta-feira
94	Cartas femininas	03/07/1889	1730	2,3	quarta-feira
95	Cartas femininas	14/07/1889	1741	3	domingo
96	Coroação de Zorrilla ⁹	25/08/1889	1783	1	domingo
97	Íntimas	29/08/1889	1787	1	quinta-feira
98	Antonio Pedro	08/09/1889	1797	1	domingo

FONTE Elaborada pelas autoras.

⁹ A escritora assinou essas três últimas colaborações (números 96, 97 e 98) apenas como “Maria Amália”.

O rol acima elencado abre múltiplas possibilidades de análise, algumas das quais serão aqui apontadas, sem pretensão de esgotá-las. Não resta dúvida de que a temática relativa ao feminino constituiu-se no fio de Ariadne, não apenas dos textos de *O Paiz*, mas de toda a produção de Maria Amália, atravessada por tom pedagógico. A escolha dos assuntos e a forma de abordá-los tornaram-se passaportes fundamentais para sua afirmação enquanto profissional das letras, requisitada para além das fronteiras portuguesas, num momento em que convenções acerca dos papéis sociais do feminino e do masculino começavam a ser contestadas em termos diversos dos apregoados por Maria Amália, cujos posicionamentos distinguiram-se pela ausência de maior criticidade.

Das crônicas de *O Paiz* sobressai a defesa da família, o papel de esposa e de mãe, os cuidados com a casa, as formas de se vestir e de se portar em sociedade, a educação dos filhos, com particular destaque para as jovens, a importância da honra e da moralidade, as leituras (in)adequadas, a submissão ao marido e a condenação do divórcio, que acabara de ser aprovado na França (1884). Veja-se, a título de exemplo, conselhos repisados em diferentes declinações:

É no interior da sua casa que a mulher se deixa mais facilmente estudar e conhecer. É conforme a atmosfera moral que ela criou em volta de si, que o crítico e o observador poderão discriminar o seu caráter e o seu modo de entender e de praticar a vida (...). Se cada mulher tivesse por fato único, fazer da sua casa um ninho agradável, onde o marido se sentisse bem, e onde os filhos crescessem contentes! ... Parece muito, não é verdade? Pois é muito menos do que tudo que nós hoje tentamos. Limitar as nossas ambições a esta doce ambição de amor e de paz, seria talvez o meio único de tranquilizar as ondas agitadas e convulsas deste oceano, que é a alma moderna! (CARVALHO, 19 de jul. de 1885)

A tão defendida educação feminina não dialogava com a emancipação, antes deveria inculcar a consciência dos altos deveres que a natureza e a sociedade impunham ao gênero. Nas suas palavras, só poderia “compreender e sujeitar-se à fatalidade das coisas, a que for educada, a que tiver retemperado o seu espírito, a que tiver fortalecido o seu entendimento, a que tiver a plena compreensão dos destinos da família” (CARVALHO, 04 de abr. de 1885). Aceitação, submissão e apego à moral religiosa estavam entre os remédios constantemente receitados. Sua luta não incluía a “conquista absurda dos direitos políticos, à qual tudo nela recusa. Quero a mulher no interesse da sua casa, e só a quero aí; mas quero-a cônica do papel que tem a cumprir. Acho tão absurda e

tão grotesca a mulher-deputado, como acharia a mulher-soldado e a mulher-sacerdote” (CARVALHO, 15 de out. de 1884).¹⁰

Tal leitura tinha como corolário o diálogo com as transformações que marcaram as décadas finais do Oitocentos. As inovações técnicas, os progressos científicos, as novidades no campo dos transportes e das comunicações, a percepção da aceleração do tempo e do encolhimento do espaço, a invasão do cotidiano por artefatos que mediavam a leitura do mundo eram, a um tempo, motivo de admiração e orgulho, mas também de aflição frente às consequências sociais de um mundo cada vez mais laico e pautado na racionalidade. Maria Amália não se furtou a discutir essas questões, oscilando entre o orgulho de pertencer a um século que acumulava “descobrimientos feitos no intuito de melhorar o destino do homem, desde as mais humildes aplicações da indústria até às mais altas sínteses da filosofia!”, e o lamento: “quantas contradições hoje nos magoam! quantas deformidades morais nos entristecem, quantas incoerências nos desnorteiam, quantos contrastes entre o que se pensa e o que se pratica nos dilaceram o coração, nos entenebrecem a consciência!...” (CARVALHO, 26 de mar. de 1885).

Tensão que percorre suas reflexões, fossem sobre a mulher e a política, as personagens femininas presentes nos romances, a nevrose da vida moderna, sem nunca perder de vista o público a que se destinavam. Note-se que não se tratava de repetição enfadonha dos mesmos tópicos, ainda que o mote geral tenha permanecido, pelo menos nos textos de *O Paiz*, constante. As crônicas tratavam dos assuntos os mais diversos: produção literária, conjuntura política, assassinatos, livre arbítrio, determinismo, exposições e estreias teatrais, lançamentos editoriais, adultério, divórcio ou o pessimismo moderno, para ficar numa lista não exaustiva. Assim, o leitor deparava-se com textos relativos ao passamento de figuras ilustres, fossem do campo da cultura, como Vitor Hugo e o ator António Pedro, ou de cabeças coroadas, caso de D. Fernando, D. Alfonso e o Imperador Frederico; o jubileu da rainha Vitória; uma nova turnê de Sarah Bernhardt; perfis de intelectuais destacados, a exemplo dos portugueses Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco ou do espanhol José Zorrilla y Moral, e, ainda, *faits divers*, incêndios, terremotos e assassinatos.

10 O tema era recorrente, veja-se mais um exemplo: “(...) note-se que não satisfaço nem uma só das aspirações da mulher emancipada, da mulher doutora. Que a mulher pense, que a mulher leia, que a mulher se interesse, que seja curiosa de tudo, acho racional, acho legítimo, mas lá que ela aspire à tal transformação social que fará do homem costureiro e da mulher advogada, isso confesso que chega a exasperar-me. Dizem que o futuro há de ver essa mudança; nesse caso dou muitas graças a Deus de não ser futuro, visto que isso me dispensa de ter de a presenciar” (CARVALHO, 18 de mai. de 1887).

Se, no mais das vezes, predominava o tom ensaístico, ela não deixou de recorrer à ficção na série intitulada “O romance da viscondessa” ou na quarta carta que dirigiu a Luiza. Para fundamentar sua argumentação, mobilizava referências literárias, pictóricas, musicais, teatrais, filosóficas, históricas, antropológicas, jurídicas, médicas, que evidenciavam sua vasta cultura, atualização e domínio da produção em diferentes áreas de saber. Desafio instigante, que escapa aos limites desse artigo, diz respeito à recolha sistemática de autores, obras e excertos citados, tendo em vista as remissões diversificadas de que se valia.

Suas habilidades de tradutora transpareciam em excertos dos poetas Gustavo Adolfo Bécquer, vertido do espanhol, e do alemão Heinrich Heine, lido a partir do francês. De Charles Darwin apresentou cartas recém divulgadas, sempre com o intuito declarado de conseguir acordar/despertar nas leitoras o desejo de ler/se familiarizar com os autores, mesma postura que transparece em crônica dedicada aos romancistas russos. Além de apresentar às leitoras brasileiras escritores já falecidos, como os acima citados, no universo de quase cem colaborações é possível identificar algumas dedicadas a comentar/resenhar livros específicos e que, não raro, tinham por subtítulo o nome da obra ou do autor, aspecto que, ao lado de suas traduções e profusão de citações, reforça seu papel de mediadora entre culturas muito próximas, mas, ainda assim, diversas.

Maria Amália nem sempre revelava preocupação de identificar a casa responsável pelo lançamento, data, local e número da edição. Assim, os dados apresentados na terceira coluna da Tabela n. 2 resultam de esforço para identificar os volumes que a autora teve em mãos. Trata-se de um conjunto de 21 textos, alguns deles publicados em duas partes, possivelmente por indisponibilidade de espaço para abrigá-los por inteiro numa única edição. Assim das 98 colaborações, 30 ocorrências (quase 31%) se dedicam parcial ou totalmente à resenha de livros.¹¹

¹¹ Para uma análise das 21 obras resenhadas por Maria Amália Vaz de Carvalho, ver LUCA e SILVA (2021).

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

TABELA 2 Obras resenhadas por Maria Amália.

NOME DA COLUNA	DATA(S)	TEMÁTICAS
1/2 Conversas Lisbonenses	30-31/12/1884	Gonçalves Crespo. <i>Miniaturas</i> . Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1884. 1ª ed. 1870.
3 Conversações Lisbonenses	03/02/1885	Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. <i>O mistério da estrada de Sintra</i> . 2ª ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira, 1884. 1ª ed. 1870.
4/5 Conversações Lisbonenses	12-13/07/1885	George Sand. <i>Correspondance 1812-1876</i> . Paris: Calmann Lévy, 1882-1884, 6 volumes.
6/7 Cartas do campo	09 e 21/09/1885	Jules de Goncourt. <i>Correspondance</i> . Paris: G. Charpentier, 1885.
8/9 Cartas do campo	18 e 21/10/1885	Oliveira Martins. <i>História da república romana</i> . Lisboa: Livraria Bertrand, 1885. 2 v.
10 Conversações lisbonenses	04/01/1886	Heinrich Heine. <i>Intermezzo</i> . Tradução de Gerard Nerval, na <i>Revue des Deux Mondes</i> , 1848.
11/12/13 Conversações lisbonenses	31/3 e 16-23/04/1886	Octave Feuillet. <i>La morte</i> . Paris: Calmann Lévy, 1886.
14 Cartas femininas	16/08/1887	Alexandre Dumas Filho. <i>Francillon</i> . Pièce en trois actes. Paris: Calmann Lévy, 1887.
15 Cartas femininas	07/10/1887	René Maizeroy. <i>L'adorée</i> . Les parisiennes. Paris: Victor-Havard, 1887.
16 Cartas femininas	07/11/1887	Gustave Flaubert. <i>Madame Bovary</i> . Paris Michel Lévy Frères, 1857.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

17 Cartas femininas	13/12/1887	Paul Bourget. <i>Mensonges</i> . Paris: Alphonse Lemerre, 1887.
18 Cartas femininas	28/12/1887	Edmondo de Amicis. <i>Coração</i> . Livro para rapazes. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1887.
19 Cartas femininas	15/02/1888	Alexandre Dumas Filho. <i>L'affaire Clémenceau</i> . Paris: Michel Lévy Frères 1866. Adaptação para teatro em 1887.
20/21 Cartas femininas	05 e 21 /03/1888	Aluísio Azevedo. <i>O homem</i> . Rio de Janeiro: Tipografia de Adolfo de Castro e Silva & Cia, 1887.
22/23 Cartas femininas	01 e 08/10/1888	Alphonse Daudet. <i>L'immortel</i> . Paris: Alphonse Lemerre, 1888.
24/25 Cartas femininas	02-22/11/1888	Francis Darwin. <i>The Life and the Letters of Charles Darwin</i> . London: John Murray, 1887.
26 Cartas femininas	04/12/1888	Luciano Cordeiro. <i>Soror Mariana</i> . A freira portuguesa. Lisboa, Ferin, 1888.
27 Cartas femininas	30/12/1888	<i>Obras poéticas e oratória de P. A. Correa Garção</i> . Introdução e notas de José Antonio de Azevedo Castro. Roma: Tipografia dos Irmãos Centenari, 1888.
28 Cartas femininas	20/03/1889	Octave Feuillet. <i>O romance de um jovem homem pobre</i> . 2ª ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1888. 1ª ed. Em francês 1858, 1ª ed. em português 1865.
29/30 Cartas femininas	18/04 e 08/05/1889	José Fernandes Costa. <i>O livro das soledades</i> . Ecos da Andaluzia. Lisboa: Ferreira, 1889.
31 Cartas femininas	29/08/1889	Christovão Ayres. <i>Íntimas</i> . 2ª ed. Lisboa: Tipografia do <i>Jornal do Commercio</i> , 1889. 1ª ed. 1885.

FONTE Elaborada pelas autoras.

A essas 21 obras, para as quais a escritora dedicou uma resenha, somam-se poemas, contos esparsos, além de obras de arte, que ela comenta, analisa e recomenda para as leitoras brasileiras. Podemos dar como exemplo os contos “Kátia”, de Tolstói, e “Krótkaia”, de Dostoievski, cujos enredos Maria Amália resume brevemente na crônica sobre os romancistas russos. Esses dois contos são, segundo a escritora, mais apropriados do que os romances para as leitoras brasileiras que quiserem se iniciar na literatura russa:

É difícil aconselhar às leitoras que leiam os livros dos modernos escritores russos. Em primeiro lugar os romances são todos enormes; depois em cada mil páginas há apenas cem que deem um prazer da inteligência, uma voluptuosidade literária sem mistura. A desordem, inteiramente diversa de todos os moldes que nós conhecemos na França ou mesmo na Inglaterra, que caracteriza estes romances, não convida para que se demorem nela espíritos educados por outra escola” (CARVALHO, 14 de abr. de 1889).

Além de os títulos das duas obras encontrarem-se parcialmente ilegíveis, uma dificuldade adicional para a sua identificação é o fato de a escritora utilizar traduções em francês disponíveis no século dezenove. Somente com a ajuda do especialista em literatura russa, Bruno Gomide, pudemos identificar os dois contos. “Kátia” é o nome que os primeiros tradutores franceses deram à novela “Felicidade conjugal”. “Krótkaia” foi traduzido de várias maneiras para o português: “A doce”, “Ela era doce e suave”, “Uma criatura gentil”, “A dócil” e “Uma criatura dócil”.¹²

Em outra crônica, Maria Amália recomendou a leitura de poemas do escritor espanhol Gustavo Bécquer, sem se referir a uma edição específica. A escritora comparou Bécquer a Musset e Heine, reproduziu alguns dos seus versos em espanhol – que o jornal, diga-se de passagem imprimiu com diversas gralhas – e os traduziu para o português com admirável habilidade. No processo de edição das crônicas, foi preciso corrigir os inúmeros erros tipográficos nos nomes próprios e nas citações, tarefa nem sempre muito fácil, porque muitos autores, personalidades e obras que Maria Amália menciona são hoje de difícil identificação precisa.

O índice onomástico das obras e periódicos – que contém mais de uma centena de títulos – documenta de forma mais sistemática “la rage de lire” (“o furor da leitura”) de Maria Amália, o seu conhecimento enciclopédico, a sua “lecture extensive” (“leitura extensiva”, CHARTIER, 1995, p. 274) de impressos numerosos e diversos. Portanto, as 98 crônicas de *O Paiz* são, por várias razões,

¹² *Felicidade conjugal* (1859) foi traduzido por Boris Schnaiderman e publicado pela Editora 34 em 2010, e *Uma criatura dócil*, por Fatima Bianchi, editado pela Cosac & Naify em 2003.

um testemunho rico e talvez único da produção intelectual da mulher de letras do final do século dezenove enquanto leitora, pensadora e mediadora de conhecimento entre o Brasil e a Europa.

Maria Amália revisitou a sua longa colaboração em *O Paiz* para produzir pelo menos três livros. Enquanto ocupou o cargo de cronista nesse jornal, ela lançou, pela Barros & Filha Editores, da cidade do Porto, *Cartas a Luiza*. Moral, educação, costumes (1886), e pela Tavares Cardoso & Irmãos, de Lisboa e *Alguns homens do meu tempo* (1889). Além disso, publicou *Crônicas de Valentina* logo depois de ter deixado o jornal, em 1890, pela editora Tavares Cardoso & Irmão, com prefácio assinado por Ramalho Ortigão em 09 de outubro de 1889, para o qual também aproveitou seus escritos em *O Paiz*.¹³

Diante de uma produção tão extensa e dispersa em jornais e livros ainda a ser (re)descoberta, o destino da mesma não foi muito diverso do que ocorreu com a obra de outras escritoras contemporâneas, como Júlia Lopes de Almeida, Maria Benedita Câmara Bormann e Emília Moncorvo Bandeira de Melo, também cronistas de *O Paiz*.¹³ No processo de migração do jornal para o livro, as editoras tinham à disposição, sobretudo, colaborações de escritores do sexo masculino, que predominavam largamente nas páginas dos cotidianos.

O exemplo de Maria Amália é relevante justamente por fugir à regra, pois foi uma escritora muito solicitada por jornais e revistas e, seguindo prática estabelecida na época, sua produção foi rapidamente recolhida em volumes. A despeito de escrever sobre uma miríade de assuntos, a fortuna crítica acerca da autora tem privilegiado, sobretudo, obras de tom moralizador e doutrinário, a exemplo de *Mulheres e crianças* (1890), *Cartas a Luiza* (1886), *Cartas a uma noiva* (1891) e *A arte de viver na sociedade* (1895). Não há dúvidas de que Maria Amália não se perfilou ao lado do feminismo militante, que clamava por direitos políticos e igualdade de oportunidades, entretanto, tampouco se pode negar que ela se bateu pelo direito à educação e valorização do papel social, cultural e intelectual da mulher, numa vertente bastante cuidadosa, que estava longe de afrontar protocolos então consagrados, tanto que repetidamente aconselhava submissão, conformismo e estoica resignação. É comum confrontá-la com outras escritoras que, a despeito de serem mais jovens, foram suas contemporâneas, caso da brasileira Júlia Lopes de Almeida (1862-1935) e da portuguesa Ana Castro Osório (1872-1935).¹⁴

¹³ Sobre a relação entre a obras jornalística e livresca de Maria Amália, ver LUCA e SILVA. Gênese de *Cartas a Luiza* e *Alguns homens do meu tempo* de Maria Amália Vaz de Carvalho: das páginas de *O Paiz* para os livros (no prelo).

¹³ Sobre a ausência de escritoras no cânone literário brasileiro, ver SCHMIDT (2015).

¹⁴ Ver, por exemplo ABRANTES, 2010; BELLINE, 1999; GARZONI, 2013; e SILVA, 1983.

Pode-se argumentar que o reconhecimento obtido deveu-se justamente às posições assumidas, que não afrontarem a ordem estabelecida, circunstância que também explica a reedição contínua de seus livros durante as primeiras décadas do século XX. Contudo, as ideias pelas quais tanto lutou perderam vigência e a escritora foi paulatinamente esquecida, evocada apenas por especialistas que, na sua maioria, insistiram no tom conservador e na agenda avessa ao feminismo do seu tempo.

Não se trata aqui de polemizar com tais interpretações, o que exigiria análise aprofundada do conjunto de sua obra, mas de chamar a atenção para o lugar que conquistou no mundo letrado enquanto assídua colaboradora de periódicos e autora impressa por diferentes editoras. Importa destacar sua habilidade para mover-se com desenvoltura e obter reconhecimento e respeito num universo essencialmente masculino. O seu exemplo convida a refletir acerca das possibilidades e constrangimentos das relações entre a mulher de letras, a grande imprensa e o mercado livreiro finisseculares.

Esta edição

Apresentam-se a seguir os critérios utilizados na edição das crônicas, cabendo esclarecer, ainda uma vez, que a pesquisa partiu das páginas do jornal. Vários textos foram reunidos em livro e, sempre que necessário, recorreu-se às edições para esclarecer dúvidas. Apontamos, em notas de rodapé, as palavras ou trechos ilegíveis transcritos a partir da republicação dos respectivos textos em *Cartas a Luiza* (1896) e *Alguns homens do meu tempo* (1889). Indicamos as poucas palavras ou trechos que permaneceram ilegíveis com “[ilegível]”, como se ocorreu, por exemplo, na crônica número 40, em relação a trechos dos versos de *Lyrishes Intermezzo*, de Heinrich Heine, vertidos por Maria Amália a partir do francês em tradução por Gérard de Nerval, e, ainda, algumas palavras nas crônicas número 52, 59, 87 e 92.

Listam-se a seguir os procedimentos adotados:

- ★ **Atualização ortográfica.** Foi realizada no conjunto da obra, em consonância com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente no Brasil. As mesóclises e as contrações dos pronomes clíticos associados ao complemento direto e indireto foram mantidas por se tratar de uma questão de estilo.
- ★ **Correção de erros tipográficos.** Foram mantidas as palavras citadas em itálico no jornal e para as quais não encontramos correspondência em dicionários atuais, tais como *cousologias* (crônica n. 48), *carabui* (crônica n. 68), *ravuts* (crônica n. 88) e *micorerie* (crônica n. 91).
- ★ **Manutenção da pontuação original,** com pequenas correções quando necessárias.

- ★ **Uniformização no uso das aspas e dos travessões** e manunção das citações de poemas e textos em prosa tal como figuraram no jornal.
- ★ **Correção da ortografia de nomes de autores e obras.** Por exemplo, Maria Amália usa a grafia francesa para o nome do poeta alemão Heinrich Heine – “Henri” (crônica n. 40) – e a portuguesa para Alfred de Musset – “Alfredo” (crônica n. 29) – e Jules de Goncourt – “Julio” (crônica n. 33). Mantivemos Henri, Alfredo e Julio no texto das respectivas crônicas e, no índice, grafamos as entradas segundo a forma mais conhecida do nome dos autores. Foi corrigida a ortografia do sobrenome do poeta espanhol Gustavo *Adolfo Bécquer*, grafado “Becker” no jornal (por exemplo, crônica n. 29).
- ★ **Adoção do itálico** para vocábulos e expressões em língua estrangeira, títulos de livros e periódicos.
- ★ Optou-se por **citar o título completo de obras e de autores**, tal como grafado na língua materna, exceção feita aos que se consagraram com o nome aportuguesado. Não foram incorporadas ao índice obras mencionadas pela escritora mas não localizadas no decorrer da pesquisa, tais como *Contos quiméricos*, *Contos azuis*, de Alphonse Daudet (crônica n. 77).
- ★ **Os índices onomásticos** discriminam indivíduos, lugares (regiões, países, cidades, locais, ou seja, restaurantes, hotéis, teatros, edifícios etc.), obras (literárias, históricas, filosóficas, científicas, etc.) e publicações periódicas mencionados por Maria Amália Vaz de Carvalho. Não foram compulsados personagens ficcionais e mitológicos. O número oferecido ao lado das entradas nos índices corresponde ao número da crônica (1 a 98). Como se trata de edição eletrônica, o leitor pode localizar o número da página usando a ferramenta de busca.

Referências bibliográficas

ABRANTES, Elizabeth Sousa. Ana de Castro Osório: feminismo e a educação da mulher como dote simbólico. **Fazendo Gênero**, n. 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010, p. 1-9. Disponível em: <http://www.fazendogenero.eventos.dype.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=605>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

BELLINE, Maria Helena Cizotto. Júlia Lopes de Almeida e Maria Amália Vaz de Carvalho: vozes femininas? **Via Atlântica**, n. 2, julho, 1999, p. 42-56. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48732>>. Acesso em: 14 de dez de 2021.

BOURDIER, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CARVALHO, José Murilo. **Introdução geral**. In: CARVALHO, José Murilo; BETHELL, Leslie; SANDRONI, Cícero, Joaquim Nabuco. *Correspondente internacional*, São Paulo: Global : Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2013, v. 1.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Conversas Lisboenses*. **O Paiz**, 06 de ago. de 1897. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/57>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Conversas Lisboenses*. **O Paiz**, 15 de out. de 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/57>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. **Alguns homens do meu tempo: impressões literárias**. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão. 1889. Disponível em <<https://www.gutenberg.org/files/26338/26338-h/26338-h.htm>>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de; CRESPO, Gonçalves. **Contos para os nossos filhos**. Porto: Editor Joaquim Antunes Leitão, 1880(?).

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 02 de nov. de 1888. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6121>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversações Lisbonenses. **O Paiz**, 03 de fev. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/508>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversações lisbonenses. **O Paiz**, 04 de abr. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/748>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Os ingleses. **Jornal do Commercio**, 06 de ago. de 1897.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversas lisbonenses. **O Paiz**, 06 de out. de 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/21>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 07 de out. de 1887. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/4509>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversas Lisbonenses. **O Paiz**, 08 de mai. De 885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/880>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas do campo IV. **O Paiz**, 09 de set, de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1396>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversas lisbonenses. **O Paiz**, 09 de dez. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1810>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 11 de abr. de 1887. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/3816>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversações Lisbonenses. **O Paiz**, 12 de jul. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1140>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 12 de dez. de 1888. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6314>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversações Lisbonenses. **O Paiz**, 13 de jul. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1146>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 14 de abr. de 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6900>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 14 de abr. de 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6900>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 18 de mai. De 1887. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/3964>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. **Uma primavera de mulher**. Poema em quatro cantos. Precedido de um prólogo (conversa ao reposteiro) por Thomaz Ribeiro. Lisboa: Tipografia Franco-Portuguesa, 1867.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. **Vozes no ermo**. Com uma carta prólogo do Sr. Conselheiro Latino Coelho. Lisboa: Tipografia Editora Mattos Moreira, 1876.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. **Serões no campo**. Lisboa: Tipografia Editora Mattos Moreira, 1877.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Arabescos. Notas e perfis*. Lisboa: Tipografia das Horas Românticas.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Contos e fantasias*. Porto: Joaquim Antunes Leitão, 1880.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Mulheres e crianças: notas sobre educação*. Porto: Joaquim Antunes Leitão, 1880.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Cartas a Luiza. Moral, educação e costumes*. Porto: Barros & Filha, 1886.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Alguns homens do meu tempo: impressões literárias*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1889.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Crônicas de Valentina*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1890.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *A arte de viver em sociedade*. Lisboa: Livraria António Maria Pereira, 1895.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversações lisboenses. *O Paiz*, 19 de jul. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1171>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas do campo. *O Paiz*, 21 de ago. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1312>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Folhetim do Jornal do Commercio. *Jornal do Commercio*, 23 de fev. de 1878. Disponível em: <Jornal do Commercio (RJ) - 1870 a 1879 - DocReader Web (bn.br)>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversações Lisboenses. *O Paiz*, 26 de mar. De 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/712>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de et al. *Um feixe de penas*. Lisboa: Tipografia Castro Irmão, 1885.
- CASTRO, Augusto. D. Maria Amália Vaz de Carvalho. In: CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Cartas a uma noiva*. 4ª ed. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1923
- CHARTIER, Roger. Du codex à l'écran : les trajectoires de l'écrit Solaris. *Pour une nouvelle économie du savoir*. Presses Universitaires de Rennes, v. 1, 1994. Disponível em: <<http://gabriel.gallezot.free.fr/Solaris/d01/1chartier.html>>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.
- CHARTIER, Roger. O homem de letras. In: VOVELLE, Michel (ed.). *O homem do iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997, pp. 119-153.
- DOSTOIEVSKI, Fiódor M. *Uma criatura dócil*. Tradução de Fatima Bianchi. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.
- FIGUEIREDO, Antero de. *Maria Amália Vaz de Carvalho*. Discurso proferido na sessão solene realizada na Academia de Ciências de Lisboa, na noite de 17 de março de 1918. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1918.
- GARZONI, Leriche de Castro. "Queridas leitoras": seções femininas na imprensa diária do Rio de Janeiro no final do século XIX. *História Social*, n. 22-23, p. 217-234, 2013. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1210>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- LUCA, Tania Regina de; SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Gênese de *Cartas a Luiza* e *Alguns homens do meu tempo* de Maria Amália Vaz de Carvalho: das páginas de *O Paiz* para os livros. *Mujeres y estudios del libro*. Cidade do México: UNAM (no prelo).
- LUCA, Tania Regina de; SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Maria Amália Vaz de Carvalho nas páginas de *O Paiz* (1884-1889): levantamento dos textos e notas iniciais de pesquisa. *Herança - Revista de História, Patrimônio e Cultura*, Lisboa, v. 5, n. 1, Disponível em <<https://doi.org/10.29073/heranca.v5i1.454>>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e a sociologia dos textos**. São Paulo: Edusp, 2018.

MINÉ, Elza. Ferreira de Araújo. Ponte entre o Brasil e Portugal. **Via Atlântica**, n. 8, p. 221-229, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50022/54154>>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

O Paiz, 03 de out. de 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1884_00003.pdf>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

ORTIGÃO, Ramalho. Carta. In: CARVALHO, Maria Amália Vaz de. **Crônicas de Valentina**. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1890.

PESSANHA, Andréa Santos da Silva. *O Paiz e a Gazeta Nacional. Imprensa republicana e abolição. Rio de Janeiro 1884-1888*. Tese (doutorado em História). Niterói, RJ: UFF, 2006. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006_PESSANHA_Andrea_Santos_da_Silva-S.pdf>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

MINÉ, Elza. Ferreira de Araújo. Ponte entre o Brasil e Portugal. **Via Atlântica**, n. 8, p. 221-229, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50022/54154>>. Acesso em 03/04/2020>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

REIS, Bianca Santos Coutinho dos. **“Cérebros e corações”: a ficção de Maria Amália Vaz de Carvalho no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro**. Dissertação (Letras). Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em: <http://www.btdt.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4005>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Esaú e Jacob e Memorial de Ayres: manuscritos que viajam. **Machado de Assis em Linha**, n. 12, v. 26, p. 125-160, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-6821201912268>>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

SILVA, Maria Regina Tavares da. Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX. **Análise Social**, v. XIX, n. 77-78-79, p. 875-907, 1983. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223465449P2eYY6he7Ah47BN7.pdf>>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

THÉRENTY, Marie-Éve. **La littérature au quotidien**. Poétique journalistique au XIXe siècle. Paris: Seuil, 2007.

TOLSTÓI, Leon. **Felicidade conjugal**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2010.

Women Writers in Portuguese before 1900. Disponível em: <<http://www.esritoras-em-portugues.eu/1417106880-Cent-XIX/2015-0529-Maria-Amlia-Vaz-de-Carvalho>>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.